

Representações da modernidade de São João del-Rei

Representations of modernity in São João del-Rei

Denis Pereira Tavares*

Resumo

Pretendemos, neste artigo, abordar as representações, leituras e interpretações que os grupos sociais locais – fundamentalmente aqueles reunidos nos espaços dos periódicos e da Associação Comercial de São João del-Rei – fizeram da cidade de São João del-Rei, ao longo dos anos de 1930 e de 1950, em uma conjuntura de transformações aceleradas na sua paisagem urbana. Apontamos os principais elementos que conformaram uma espécie de imaginário urbano e que conduziram um projeto político específico de apropriação e de uso da cidade.

Palavras-chave: São João del-Rei. Modernidade. Espaço urbano.

Abstract

In this article we intend to approach the representations, readings and interpretations that the local social groups – primarily those gathered in the spaces of journals and the Commercial Association of São João del Rei – have made of the city of São João del Rei, over the years of 1930 and 1950, in an environment of accelerated change in its urban landscape. We point out the main elements that have formed a sort of urban imagination and led a specific policy project of appropriation and use of the city.

Keywords: São João del-Rei. Modernity. Urban space.

A conformação do espaço urbano na cidade é resultado do trabalho de agenciamento humano sobre a superfície terrestre. O espaço manifesta sempre a historicidade das relações humanas de uso, apropriação, exploração e gestão do território.¹ Nessa perspectiva, procuramos atentar para as formas

* Doutorando em História Social da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: denistavares85@yahoo.com.br

¹ Entendemos o conceito de território como a extensão da superfície espacial usada, transformada e apropriada por determinados agentes sociais através de práticas que lhe atribuem significados. Nas palavras de Claude Raffestin, “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um signatário (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator ‘territorializa’ o espaço”. RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993, p. 143.

de consciência do espaço, ou seja, para as leituras, percepções e interpretações que os grupos sociais locais fizeram do espaço construído, no intuito de compreender tanto as formas em que a cidade de São João del-Rei foi representada, pensada e desejada, quanto as práticas, condutas e atuações que incidiram na organização e racionalização de seu espaço. Enfocamos o recorte temporal entre os anos de 1930 e 1950, pois estes compreendem um período de surto comercial e industrial em São João del-Rei e sinalizam também uma fase de intensas modificações na estrutura urbana da cidade. Buscamos, com isso, apreender uma conjuntura em que a cidade figura entre as mais desenvolvidas do Estado de Minas Gerais, assim como as experiências espaciais e as expectativas temporais daqueles que vivenciaram esse contexto de pujança econômica e de transformação acelerada na paisagem da cidade.

Como destaca Afonso de Alencastro Graça Filho, a solidez da atividade comercial e agropecuária garantiu à cidade a possibilidade de superar as dificuldades econômicas decorrentes do fim do Ciclo do Ouro. São João del-Rei, sede da Comarca do Rio das Mortes, afirmou-se ao longo do século XIX como um importante polo de influência política e econômica de Minas Gerais. Tal dinamismo foi fomentado pela sua posição de centro administrativo, comercial atacadista e financeiro. Dada a proximidade com o Rio de Janeiro, São João del-Rei desempenhou um importante papel como entreposto comercial, especializado na apropriação do excedente de gêneros alimentícios produzidos na região circunvizinha, como toucinho e couro, panos e outras mercadorias que eram escoadas para a capital federal.²

Em São João del-Rei, enquanto praça mercantil centralizadora, formou-se uma poderosa elite polivalente de negociantes que acumularam capitais através do financiamento aos produtores rurais. No final do século XIX, em uma conjuntura de diversificação da economia, tais negociantes converteram parte de suas riquezas acumuladas na industrialização da cidade. São exemplos: a criação da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas, em 1881 – ligando São João del-Rei à ferrovia D. Pedro II, que leva ao Rio de Janeiro –; a fundação, em 1891, da Companhia Industrial Sanjoanense, no setor têxtil; e a formação, também em 1891, da Cia. Agrícola Industrial Oeste de Minas. Ainda no final do século, “outras indústrias leves apareciam, como a Destilaria Castelo, de Zuquim, Silva e Cia (1890), as fábricas de cervejas Miller (1891) e a Adriática, da Marchetti e Cia (1892)”.³

² GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume, 2002.

³ *Ibidem*, p. 47.

Quanto à inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas, a primeira companhia ferroviária de Minas Gerais, Pablo Luiz de Oliveira Lima⁴ comenta sobre o êxtase dos cidadãos com os motores arrebatando o espaço. A máquina, condutora do progresso e símbolo de um novo tempo em São João del-Rei, atraía os olhares dos habitantes e prometia possibilidades inéditas, como a abolição do tempo e do espaço pela mediação crescente da velocidade: “São João del-Rei, cidade sonora, cidade feliz! Quem ama o presente tem o presente vivo no tumultuar das ruas, no Klaxon das buzinas e das locomotivas”.⁵

A peculiaridade econômica de São João del-Rei repercutiu também na sua formação urbana e, além das indústrias, os negociantes aplicaram também parte de seus capitais na construção de imóveis luxuosos de padrões estéticos franceses, como os de estilo eclético.

Era fato que, desde a virada do século XIX para o século XX, São João del-Rei já vinha reduzindo seu raio de influência em virtude da ascensão de outros centros mineiros, como Belo Horizonte e Juiz de Fora.⁶ Contudo, como salienta Antônio Gaio Sobrinho, a cidade viveu um significativo processo de industrialização que se prolongou até meados da década de 1960, baseado em “setores tradicionais”, como as atividades de fiação, produção de têxteis, bebidas, calçados de couro, laticínios, sabão etc.⁷ Gaio Sobrinho comenta, inclusive, sobre um “otimismo comercial” e industrial presente durante a década de 1930, quando São João del-Rei se afirma como polo de produção de têxteis. Além da Companhia Industrial Sanjoanense (1891), somou-se à cidade a Fábrica Brasil Fiação e Tecelagem (1911), com sede inclusive no Rio de Janeiro, a Fábrica de Tecidos Matosinhos S/A (instalada em meados de 1936), a Tecelagem Dom Bosco Ltda. (1937) e a Fiação e Tecelagem São João (1947).

As indústrias são apontadas como motivo de orgulho, como manifestação de prosperidade de São João del-Rei, servindo também como sinal de distinção e de projeção da cidade entre as mais desenvolvidas do Estado.⁸

⁴ LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *A máquina, tração do progresso*. Memórias da ferrovia no Oeste de Minas: entre o sertão e a civilização (1880-1930). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

⁵ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 07 de abril de 1938, n° 28.

⁶ WILLIAN JUNIOR, James. Impressões sobre a cidade: a urbanização vista pelos jornais. Diamantina e Juiz de Fora, 1884-1914. In: LIBBY, Douglas Colle (org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010.

⁷ GAIO SOBRINHO, Antônio. *História do comércio de São João del-Rei*. São João del-Rei: Indep., 1997.

⁸ Os setores industriais de base ocuparam lugar de destaque na economia de Minas Gerais até meados da década de 1950, perdendo espaço, então, para os dinâmicos setores da metalurgia e siderurgia. DINIZ, Clélio Campolina. *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1981. Entre os anos de 1930 e 1950, por exemplo, o município de São João del-Rei figurou entre as dez cidades mais desenvolvidas do Estado de Minas Gerais. FERREIRA, Jurandy Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Vol. XXIV. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

Cinco fábricas de fiação e tecelagem, sendo uma em construção; 2 de banha; 7 de móveis e colchões; 1 de tinteiros e tintas; 4 de gelo, sorvetes, e doces gelados; 4 de preparos medicinais e para toalete; 1 de meias; 2 de massas alimentícias; 2 de malas e arreios; 1 de artefatos de mármore; 2 de artefatos de ferro; 4 de artefatos de folhas de Flandres; 2 de gorros e bonés; 3 serrarias; 2 cerâmicas; 9 panificações; fabricas de balas e biscoitos; 1 fabrica de laticínios; e engenhos de beneficiamento de cereais. Todas essas indústrias são urbanas.⁹

Rubia Soraya Ribeiro,¹⁰ em análise das representações fotográficas de São João del-Rei contidas nos almanaques “Álbum da Cidade de São João del-Rei”, “São João del-Rei, Minas” e “Almanaque de São João del-Rei”,¹¹ comenta que a cidade passou por constantes transformações urbanas ao longo da primeira metade do século XX, influenciadas pelos ideais de modernidade. Segundo a autora, tais almanaques, além de registrar mudanças importantes no perfil urbano, incitavam também um “olhar” para a cidade, apontando, sobretudo, para uma constante caminhada de São João del-Rei em direção ao progresso.

A noção de progresso que é articulada nesse momento diz respeito a um processo contínuo e crescente de aperfeiçoamento tanto material, no caso das transformações do espaço físico, quanto do espírito, sinalizando novas experiências sociais nunca antes experimentadas daquela maneira, possibilitando também a emergência de um novo horizonte de expectativa marcado pela valorização da mudança e pela confiança no futuro.

“As ruas são calçadas e muito arborizadas. As praças largas e enriquecidas de templos majestosos. As avenidas largas, retas, compridas e bem arborizadas.”¹² Utilizando-se dos almanaques mencionados, os grupos locais, sobretudo aqueles que partilhavam do espaço de sociabilidade da Associação Comercial de São João del-Rei,¹³ se esforçavam em dar sentido às mudanças

⁹ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 6 de março de 1938, nº 1.

¹⁰ RIBEIRO, Rubia Soraya. *As fotografias de André Bello (1879-1941): imagem da modernidade em São João del-Rei*. Belo Horizonte: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

¹¹ BRAGA, Tancredo. *Álbum da cidade de São João del-Rei*, em comemoração à data de 8 de dezembro de 1913. São João del-Rei, s/ed., 1913; CAPRI, Roberto & BELLO, André. *São João del-Rei, Minas*. São Paulo: Pocaí & Comp., 1918; CARVALHO, Horácio. *Almanaque de São João del-Rei*. São João del-Rei: s/ed., 1924.

¹² CAPRI; BELLO, op. cit. p. 19.

¹³ Espaço de sociabilidade e discussão política e filosófica que reunia em seu núcleo autoridades municipais, eclesiásticas, industriais, comerciantes, intelectuais e setores médios da população são-joanense. Esse espaço remete a uma perspectiva de grupo, a uma estratificação social específica na cidade, em que seus membros mantinham afinidades quanto ao objetivo de dotar São João del-Rei de suportes e de ajustes espaciais em conformidade com os preceitos modernos, de modo que eles se sentiam também responsáveis pelo desenvolvimento da cidade.

impressas na paisagem urbana da cidade. O calçamento com paralelepípedo em substituição dos “pés de moleque”, a implantação de praças ajardinadas, a abertura de ruas e avenidas “largas, retas e compridas” e a construção de edifícios “modernos” foram consagrados nesses espaços como símbolos de um novo tempo na cidade.

Os jornais locais *A Tribuna* (1914-1938), *O Correio* (1926-1963) e o *Diário do Comércio* (1938-1964) procuraram cumprir o mesmo propósito de registro e propagação das transformações na fisionomia urbana da cidade.¹⁴ São João del-Rei é, assim, apresentada pelos mesmos como um verdadeiro canteiro de obras.

É verdadeiramente notável a intensificação que, nos últimos tempos, têm tido os serviços públicos empreendidos pela patriótica municipalidade local. Assim é que, em vários pontos da cidade, se notam muitas obras da Câmara, em andamento. O número de operários multiplica-se. E por toda parte se sente aquela febre de úteis reformas, destinadas ao modernizamento da vetusta “Princesa do Oeste”.¹⁵

De acordo com Bernard Lepetit, as transformações urbanas têm implicações nas próprias relações cidadinas e incidem nos usos e nas modalidades de apropriação material e simbólica do espaço. Durante o processo de reestruturação urbana, a cidade é também “presentificada” pelos atores sociais, ou seja, ela é atualizada, acompanhada de novos sentidos e formas de interpretação por parte de seus habitantes. “Pode-se escrever que é a prática social do momento que constrói o limite entre o passado e o presente e que realiza nesse quadro a redistribuição dos objetos em que se apoia”.¹⁶ Nesse caso, antigas formas são reutilizadas e seus usos são redefinidos de acordo com valores, projetos e distinções feitas no presente. Tais práticas de transformação urbana podem indicar, entre outras coisas, os modos de afirmação do presente e dos preceitos modernos que demarcam, no espaço, certo distanciamento temporal em relação ao passado, de forma a não reproduzi-lo ou mesmo negá-lo.

“Grande é o número de construções e reconstruções de prédios que se mostram trajados da moda, despidos das velhas indumentárias colo-

¹⁴ Esses jornais constituíram um lugar de fala sobre a cidade, divulgando representações políticas e participando efetivamente do debate e da formação da opinião pública. Eles estiveram vinculados diretamente à Associação Comercial de São João del-Rei e procuraram conferir legitimidade e coesão aos projetos políticos de seus membros.

¹⁵ A TRIBUNA. São João del-Rei, 11 de setembro de 1924.

¹⁶ LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 181.

niais; calçam-se a paralelepípedos ruas e praças e serão realizados notáveis melhoramentos”.¹⁷ As reformas urbanas ao longo das primeiras décadas do século XX apresentam como marca principal a crença na positividade da República e da modernidade e, via de regra, se afirmaram em oposição ao próprio passado colonial das cidades. Nesse prisma, ruas irregulares, becos, esquinas e casarões coloniais deram lugar a largos corredores e avenidas “fisicamente limpos” e “ordenados”. Como depreendemos do excerto acima, São João del-Rei também fora impactada por esse ideário de mudança e modernização da cidade à luz de preceitos científicos e tecnológicos.

Quem observa São João del-Rei do presente, tendo conhecido a São João del-Rei do passado, nota uma transformação geral, que pode parecer evolução, se o observador para, apenas, na contemplação do físico das coisas. O aformoseamento da cidade, o desaparecimento das vielas do passado, o banho de atualização nas suas ruas batidas pelos séculos, pode encantar aos olhos sedentos de renovação.¹⁸

As representações da cidade veiculadas nos jornais assinalam a emergência de um salto qualitativamente diferente em relação ao estado anterior, um progresso contínuo impresso na paisagem urbana.

Quem conheceu São João del-Rei, há anos, e a revê hoje não pode deixar de proclamar bem alto o elaborado surto de progresso da bela, encantadora e culta cidade, que “de roceirinha bonita de seu natural”, se transformou em dama formosa e elegante. [...] As indústrias surgem como por encanto, os bairros se povoam, novas ruas são abertas, dilatando-se assim a área da cidade. Notam-se em cada um dos seus trechos belas e luxuosas edificações de construção moderna.¹⁹

A paisagem expressa a sedimentação das práticas sociais de uso, ocupação e agenciamento do espaço ao longo do tempo. Como assevera Milton Santos, uma paisagem revela diferentes etapas do desenvolvimento de uma sociedade: “A paisagem é o resultado de uma acumulação dos tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção”.²⁰ A noção de paisagem que utilizamos engloba tanto os processos de uso e gestão do espaço, de modo mais “concreto” e “funcional”, quanto as formas de percepção e construção de significado desse espaço, inspirando

¹⁷ O CORREIO. São João del-Rei, 9 de julho de 1932, n° 301.

¹⁸ A TRIBUNA. São João del-Rei, 15 de março de 1935, n° 1267.

¹⁹ O CORREIO. São João del-Rei, 9 de março de 1939.

²⁰ SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 37.

uma apropriação mais “simbólica” e “afetiva”, fundamental nos processos de identificação e estabelecimento de vínculos a partir de referentes espaciais.²¹

O cronista de *O Correio*, Christovam Braga, destaca certa “simbiose” de estilos que se opera na cidade, “onde se veem entrelaçados o passado e o presente, na mistura da antiga com a arte moderna; no fusionamento das velhas e silenciosas ruas com novas, elegantes e retas avenidas; no desafio do estilo colonial aos mais variados da atualidade”.²² Agora, a percepção de uma cidade que se renova é apresentada pelo então prefeito Antônio Viegas (1936-1946): “A cidade cresce a olhos vistos; cada rua ou logradouro que se abre exige, desde logo, melhoramentos como sejam: luz, calçamento e escoamento. (...) São João del-Rei marcha para a frente”.²³

A emergência de uma nova paisagem urbana é ufanada nos periódicos como reflexo do surto de progresso em todos os setores, desde a vida política, passando pelo comércio, até as indústrias. “Será impossível deter essa marcha da evolução porque é ela orgânica e sucessiva. É um imperativo da vida moderna a que não podemos fugir.”²⁴ Imaginava-se o mundo em termos de sequências históricas. A ideia da marcha linear do tempo encontrava seu referente nas próprias transformações do espaço físico, sinalizando as diferenças e os distanciamentos entre passado e futuro. Dessa forma, a cidade constituiu-se em *locus* privilegiado de implantação e de “materialização” das experiências da modernidade.

De acordo com Marshall Berman, a modernidade é caracterizada pela aceleração das mudanças sociais, isto é, pela emergência de um turbilhão de novas experiências que entram em constante tensão com as estruturas tradicionais. Inovação tecnológica, modernização econômica e, sobretudo, a reorganização sistemática do espaço urbano conformam as peças-chave do mundo moderno.²⁵ A experiência da modernidade é fundamentalmente urbana. O agenciamento sobre a superfície espacial ajuda, entre outras coisas, a reforçar a utopia moderna da vitória da técnica e da ciência e, portanto, do próprio “projeto racional” de domínio da capacidade humana sobre a natureza. Nessa perspectiva, o espaço está sempre sendo feito, está sempre aberto ao futuro, porque é vinculado à esfera da criatividade e da possibilidade humana de (re)fazer o ambiente onde vive à luz da razão.

²¹ HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: Ed. UFF, 1997.

²² DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 6 de março de 1938, nº 1.

²³ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 6 de setembro de 1940, nº 753.

²⁴ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 20 de julho de 1939, nº 410.

²⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

O dinamismo de São João del-Rei no campo das construções e do ordenamento de seu espaço esteve marcado, desse modo, por essa constante tensão na articulação entre passado e futuro, como salienta Ralf José Castanheira Flores.²⁶ A cidade traz as marcas dos conflitos e da coexistência do mundo colonial com o mundo moderno.

Os jornais desempenharam o papel político de construção e difusão de uma imagem de São João del-Rei enquanto cidade industrial, moderna e progressista, destacando os “ajustes espaciais” na fisionomia da cidade através dos chamados “planos de melhoramento e embelezamento urbanos”, procurando sempre se desfazer da representação de “cidade do passado” parada e estagnada no tempo. Eles buscaram demarcar um lugar para São João del-Rei no rol das cidades modernas que se ajustaram ao espírito do “novo tempo”. Isso implicava também, de certo modo, em descolar-se da imagem de cidade vinculada exclusivamente ao passado colonial, tendo em vista que as cidades coloniais foram identificadas nas primeiras décadas do século XX como um retrato do Brasil rural, arcaico e atrasado. Por isso, há sempre nos enunciados dos jornais o cuidado de distinguir São João del-Rei das demais cidades coloniais mineiras, demarcando, assim, uma fronteira simbólica entre “nós” e “eles”, fortalecendo a ideia da transposição da imagem de cidade colonial e pitoresca para a de cidade moderna e industrial.

A noção de representação que utilizamos remete à “re-apresentação de algo”, ou seja, denota sempre um esforço explicativo do mundo social por parte dos indivíduos. Ela diz respeito ao modo pelo qual a experiência da realidade é apreendida e exposta. “Admite-se, de longa data, que toda realidade, como conhecimento, é uma representação. Consequentemente, os indivíduos organizam sua relação com o mundo mediante estruturas complexas de representação, que são utilizadas na comunicação.”²⁷ Como assevera Roger Chartier, as representações articuladas pelos grupos sociais não são neutras, pois, além de sistemas geradores de percepção e classificação do mundo social, também constituem-se em ferramenta política, são matrizes de práticas construtoras deste próprio mundo.²⁸ Desse modo, a

²⁶ FLORES, Ralf José Castanheira. *São João del-Rei: tensões e conflitos na articulação entre o passado e o progresso*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2007.

²⁷ SILVA, Helenice Rodrigues da. A História como “a representação do passado”: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro F; MALERBA, J. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 83.

²⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

representação se relaciona complexa e dialeticamente com a prática. Ela veicula sempre códigos, comportamentos e formas de atuação na própria realidade social.

As representações e percepções da cidade produzidas pelos grupos sociais têm implicações nas práticas de uso do espaço e nas próprias relações cidadinas. Em outras palavras, as formas de ver e entender a cidade definem também os modos de habitá-la.

Os jornais, por exemplo, vistos como veículos de representação e enunciação da cidade, interferem de forma decisiva nos seus usos e sentidos, por meio do estímulo à imaginação coletiva do que o espaço urbano deve ou não conter. Eles não se limitam em “refletir” ou “reproduzir” a cidade, mais do que isso, contribuem ativamente para criá-la e produzi-la, por meio da difusão e da padronização de hábitos que, quando socialmente compartilhados, têm implicações na própria configuração de seu espaço.

Entendemos os jornais como “lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva”,²⁹ “espaço de sociabilidade” e de difusão e amadurecimento de projetos políticos. Os jornais são ferramentas na mão dos grupos de pressão, sendo capazes de estimular a imaginação coletiva, modelar comportamentos e influenciar a opinião pública. Dito isso, lançamos um olhar sobre os mesmos no sentido de situar o lugar social da produção dos discursos, tendo em vista que o discurso é sempre realizado a partir de condições de produção específicas.

Os jornais locais *A Tribuna*, *O Correio* e o *Diário do Comércio* marcam, então, uma posição das autoridades municipais, eclesiásticas, industriais, comerciantes, intelectuais e setores médios da população são-joanense, grupos reunidos em torno do espaço relacional da Associação Comercial de São João del-Rei, que procuravam organizar e dar sentido à cidade fazendo uso do canal da imprensa.

“A diretoria [da Associação Comercial] terá de lutar para dar à Avenida Hermílio Alves maior embelezamento”.³⁰ Depreendemos, a partir do enunciado anterior, o papel de protagonismo da Associação Comercial de São João del-Rei na planificação do tecido urbano são-joanense. Esse espaço foi o principal responsável pela produção e difusão de representações de São João del-Rei na imprensa local e forânea: “com o louvável intuito de desenvolver a propaganda da nossa *urbs*, a Associação Comercial houve por bem

²⁹ SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p. 249.

³⁰ A TRIBUNA. São João del-Rei, 24 de janeiro de 1931, n° 222.

organizar um concurso fotográfico dos trechos e aspectos mais interessantes da nossa terra”.³¹ Nessa ocasião, por exemplo, ela emerge como promotora e patrocinadora de um concurso fotográfico que tem a cidade como foco. Eventos como esse evidenciam o empenho da mesma na produção de um imaginário urbano apropriado às mudanças experimentadas pela cidade.

Isso significa que a produção de um território é também acompanhada de formas de percepção e simbolização que dão aos indivíduos e grupos que nele habitam a consciência de sua participação, de sua marca, de efetivação de seus projetos, em suma, de sua própria identidade territorial projetada e refletida em referentes espaciais. Como assevera Henri Lefebvre, “o espaço não é apenas organizado e instituído. Ele também é modelado, apropriado por este ou aquele grupo, segundo suas exigências, sua ética e sua estética, ou seja, sua ideologia”.³²

Os editoriais dos jornais se esforçaram no intuito de tornar São João del-Rei mais conhecida, seja por meio do diálogo com correspondentes da “imprensa de fora”, seja a partir das impressões de “visitantes ilustres” realçando o cunho “progressista” e “moderno” que tanto a singulariza. Aliás, os testemunhos de visitantes confirmando as especificidades do progresso material da cidade foram largamente reproduzidos nos espaços e nas primeiras páginas dos jornais. Destarte, impressões de uma cidade que percorre de maneira acelerada os caminhos do progresso e da modernização predominam nas propagandas.

Cidade ideal. Onde tudo se desenvolve. Onde tudo cresce. [...] A indústria avança, assustadoramente, representada nas dezenas de fábricas espalhadas pela cidade e seus subúrbios. O comércio honesto e sólido dá a “urbs” o aspecto movimentado e alegre que aos visitantes encanta.³³

Gustavo Barroso, intelectual que esteve à frente da criação do Museu Histórico Nacional, em 1922, e da Inspetoria dos Monumentos Nacionais, em 1934, ficou entusiasmado com o cunho “progressista e moderno” de São João del-Rei:

Variado parque industrial, sobressaindo-se cinco grandes fábricas de tecido, fábricas de massas alimentícias, tipografias, curtume, usina de beneficiamento de leite e uma das maiores estamarias e litografias da América do Sul. [...] Eu esperava encontrar em São João del-Rei uma cidade morta, como Carcassone

³¹ A TRIBUNA. São João del-Rei, 28 de fevereiro de 1937, n° 1366.

³² LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 82.

³³ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 20 de janeiro de 1939, n° 263.

[cidade medieval francesa], Galêra [cidade medieval espanhola] ou Ouro Preto [...]. Com verdadeira surpresa, achei uma cidade moderna, viva, movimentada e progressista!³⁴

De acordo com os periódicos, São João del-Rei se aproxima das cidades coloniais exclusivamente sob o ponto de vista da “tradição”, entendida como passado-presente que baliza e ilumina os projetos de futuro. A tradição constitui, nesse momento, parâmetro de conduta. É por meio dela que os grupos sociais se orientam e estabelecem os nexos e as distinções entre o passado, o presente e o futuro.³⁵ Ainda assim, a tradição veiculada nos discursos e enunciados da cidade serve também como recurso de distinção, ou seja, é acionada para demarcar uma fronteira simbólica que separa São João del-Rei das demais cidades coloniais. Consideramos, portanto, que se trata de um processo de construção e de afirmação de uma identidade territorial por meio da delimitação de referentes espaciais que separam “nós”, São João del-Rei, dos “outros”, no caso, das cidades coloniais mineiras.

Ouro Preto, Pitanguí, Sabará
e São João del-Rei em todas está.
A tradição, renovando o passado,
na grande opulência que lhes tem dado,
o renome, celebridade e glória
que as fazem memoráveis na história.
Mas São João del-Rei das outras difere
por algo que a nossa mente sugere.
Entre as congêneres, louçã, catita,
É de todas, talvez, a mais bonita.
As suas lendas ela assim as canta,
E em seu plano urbanístico já encanta.³⁶

Após leitura dos discursos veiculados nos jornais locais, observamos que há, nas representações temporais, um privilégio dado ao paradigma chamado “futuro-presente”, isto é, a um trato temporal orientado pela fé em um “futuro radioso”.

³⁴ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 16 de agosto de 1938, n° 129.

³⁵ “A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade no passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes.” GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991, p. 44.

³⁶ O CORREIO. São João del-Rei, 01 de janeiro de 1941, n° 824.

Segundo Reinhart Koselleck, a modernidade implica uma mudança acelerada na experiência histórica, haja vista que enseja um trato temporal próprio, inteiramente novo, marcado pelo alargamento do fosso entre passado (“campo de experiência”) e o futuro (“horizonte de expectativa”). A emergência desse “novo tempo” sinaliza, então, uma abertura do futuro e uma aceleração das próprias experiências sociais.³⁷

A celebração do “novo” como reforço da ideia de que a humanidade avança em períodos encadeados rumo a um tempo qualitativamente melhor e diferente do anterior esteve muito presente na forma como os grupos locais conceberam a cidade. O ano de 1938, por exemplo, ano de comemoração do centenário de elevação de São João del-Rei a cidade, parece ser um marco simbólico ilustrativo da consolidação de um “novo tempo radioso” na cidade. Nessa conjuntura de reflexão sobre a trajetória da mesma, proliferou-se uma variedade de discursos que cotejaram o “antes” e o “depois”, exaltando o salto qualitativo impresso na paisagem urbana de São João del-Rei. O cronista Altivo Sette define mais precisamente esse crivo temporal orientado pela crença em um futuro que avança velozmente sobre o passado: “o passado está morto, definitivamente passado. [...] O que precisamos agora é muito apetite para podermos seguir para frente, serenos e firmes”.³⁸ No tempo da aceleração, há um constante tensionamento entre passado e futuro e, concomitantemente, uma reivindicação qualitativa do novo tempo: a de ser não somente diferente, mas melhor do que o tempo anterior.³⁹ Além disso, o passado é convocado para o futuro e a partir do futuro. Nas palavras de Nicolau Sevcenko, o passado é “revisitado e revisto para autorizar a originalidade absoluta do futuro”.⁴⁰

“Na marcha acelerada da civilização, os que param são atropelados pela onda humana que avança, sempre para frente. Caminhemos com ela ou seremos arrasados.”⁴¹ A ideologia do progresso, mencionada acima, indica uma concepção linear, absoluta e “objetiva” do tempo social, uma forma de “interpretação da história que considera que os homens avançam mais ou menos depressa [...] numa direção definida e desejável (implica, pois, como

³⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; ed. Puc-Rio, 2006.

³⁸ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 29 de março de 1938, n° 20.

³⁹ KOSELLECK, op. cit.

⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 227-228.

⁴¹ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 08 de agosto de 1938, n° 2.

finalidade, a felicidade) e supõe a indefinida continuação desse progresso.”⁴² O progresso aparece, portanto, como o próprio motor da história, ou seja, a medida de força que dita o ritmo do tempo.

São João del-Rei é retratada entre os cronistas pelos epítetos de “nova”, “tenra”, “bela”, “encantadora”, “cultura”, “formosa”, “elegante” etc., ou seja, a partir de feições antropomórficas de uma mulher que permanece sempre jovem. Nas narrativas, São João del-Rei adquire os títulos de “Princesa do Oeste”, “Formosa Odalisca”, “Cidade Ideal” e “Cidade Ultra-Civilizada”, que se distingue das demais cidades coloniais justamente pelos seus atributos de “moça” que “não parou no tempo”. “Tudo mais nessa S. João del-Rei adorada denota grandeza, movimento e progresso.”⁴³ Destarte, a dimensão imaginária da cidade é reiteradamente explorada na imprensa.

Como lembra Bronislaw Baczko, os imaginários sociais são sistemas de orientação simbólica, ou seja, um conjunto de representações, crenças, desejos e sentimentos pelos quais uma coletividade vê a realidade ao seu redor e a si mesma. Os imaginários constituem-se em balizas que guiam os comportamentos e canalizam as expectativas coletivas. Por meio dos imaginários sociais, por exemplo, “uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns”.⁴⁴ A produção, o controle e a difusão dos imaginários coletivos é, portanto, operação atravessada de projetos e de finalidades políticas; procura sempre atuar nas relações sociais cidadinas e repercutir na própria conformação do tecido urbano na cidade, explorando ao máximo a dimensão simbólica, imagética e figurativa de seus contornos espaciais. Nesse caso, a cidade torna-se objeto de desejo e, por meio da compreensão imaginária, os indivíduos e grupos projetam seus sonhos e invenções do que deve ou não conter o espaço urbano, procurando nele lugar de reconhecimento e de referência. Evidentemente, os imaginários urbanos transitam entre fronteiras tênues, nas quais os limites entre a “cidade real” e a “cidade ideal” nem sempre são precisos.

Um *tópos* apresentado pelo seu diretor de redação, José Belline dos Santos, no jornal *Diário do Comércio*, utiliza uma das passagens bíblicas do livro do Gênesis para anunciar em tom profético o distanciamento temporal de São João del-Rei das demais cidades centenárias que, nesse prisma,

⁴² LE GOFF, Jacques. Progresso/reação. In: *História e memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003, p. 265.

⁴³ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 04 de setembro de 1938, n° 145.

⁴⁴ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 309.

“imitaram a mulher de Ló” e, por isso, se “petrificaram no passado”. Já São João del-Rei se distingue destas, justamente por ter se projetado para o futuro, “marchando resoluta” na esteira da civilização.

Conta-nos o Velho Testamento na rudeza singela de seus capítulos que a mulher de Ló foi transformada em estátua de sal por ter olhado para trás – para o passado. As cidades velhas não olham para o futuro, fazem como a mulher de Ló: voltam-se para o passado e nele se petrificam. E enquanto essas cidades jazem inanes e o vento dos séculos lhe arrebatou o último átomo de grandeza, a centenária S. João del-Rei continua vigorosamente de pé – velha e moça – num contraste que não cansa, cultuando o seu passado e acompanhando a febricitante vibração da era em que vivemos. [...] São João del-Rei não imitou a mulher de Ló. Não se petrificou no passado. Neste ano do centenário da sua elevação a cidade podemos constatar a grande caminhada que deu em todos os setores das atividades humanas, o seu desenvolvimento, o seu progresso, tudo em torno da grande sentença – ‘de pé, em marcha e para cima’ – em zelo do qual S. João del-Rei atira-se, assim, resoluta, pela subida gloriosa do seu esplendoroso futuro. São João del-Rei não olhou para trás!⁴⁵

A narrativa acima procura comparar São João del-Rei com as demais cidades coloniais justamente no intuito de demarcar uma oposição àquela, fortalecendo a ideia da transposição da sua imagem de cidade colonial para cidade moderna e industrial. De acordo com a imprensa local, São João del-Rei era, sobretudo, um atestado dos “melhoramentos” que uma cidade do interior podia receber dos tempos modernos. Pensamos essa narrativa como um empreendimento de construção de uma identidade territorial de São João del-Rei em contraste com as demais cidades coloniais. Nessa crônica, José Belline dos Santos,⁴⁶ ao qual o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais atribuiu o título de historiador de São João del-Rei, se refere ao passado a partir de dois sentidos distintos: em um primeiro momento, ele indica um passado depreciado que deve ser rompido, porque remete à estagnação e à decadência das “cidades velhas” que “ficaram para trás” e se “petrificaram” no tempo; já em um segundo momento, o passado é articulado no sentido de conferir respaldo histórico às ações do presente. Nesse caso, o passado ufanado é aquele que serve de referência aos projetos de futuro, que alude aos “grandes feitos”, fatos e heróis. Os legados do passado que compõem esse enredo “exemplar” constituem a memória de São João del-Rei, e são, portanto, passivos de preservação como “verdadeiros relicários” da História e da arte, como “atestados vivos de uma época”:

⁴⁵ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 16 de agosto de 1938, nº 129.

⁴⁶ SANTOS, José Belline dos. *São João del-Rei: a cidade que não olhou para trás*. São João del-Rei: Gráfica do Diário do Comércio, 1949.

Esse povo, consciente da real glória de sua terra, cuida esmeradamente de suas particularidades históricas, conservando avaramente resguardadas aquelas coisas que são o seu relicário. Guardam, com cuidado, os seus templos, suas construções antigas, assim como elementos teóricos de sua força histórica.⁴⁷

É com base nessa crença da marcha linear da humanidade que os agentes sociais locais, reunidos em torno do espaço de sociabilidade da Associação Comercial, procuram tecer a escrita da História da cidade, de modo a situá-la no tempo e no espaço, dando inteligibilidade tanto às transformações aceleradas quanto à permanência de valores tradicionais, destacando sempre nesse processo o panteão local, seus feitos épicos e seus fatos memoráveis. Tais agentes partilham, nesse momento, de uma concepção “moderno-iluminista” de história,⁴⁸ isto é, uma leitura teleológica da história da humanidade que define o tempo social como uma sucessão regular de fatos, articulando passado, presente e futuro em um processo linear orientado pela noção de progresso. Nessa ótica, a mudança é valorizada como sintoma da aceleração da marcha do espírito em direção à liberdade, ao progresso e à civilização. A destruição “racional” e “criativa” é desejada e remete a um *telos*, ou seja, a um estado de perfeição que avança sobre o “passado morto” como um salto qualitativo. Em síntese, a destruição reforça a ideia de movimento, de mudança e de que a civilização evolui. Podemos considerar que as manifestações públicas de negação das formas antigas e as decisões de se apagar do presente os objetos indexados no passado estão, desse modo, pautadas nessa concepção “moderno-iluminista” de história.

O espaço urbano constitui-se, então, enquanto *locus* das experiências de modernidade. Na modernidade, o espaço está sempre sendo feito, está sempre aberto ao futuro, porque é vinculado à esfera da criatividade.

Como destaca José Luis Romero, o modelo de planificação urbana e destruição maciça das “barreiras espaciais” de Paris, levado a cabo pelo Barão Haussmann, influenciou culturalmente as elites latinas, como princípio catalisador de um ideal de progresso e de civilização. As cidades latino-americanas passaram por transformações aceleradas em sua fisionomia, acelerando também “as tendências que procurariam apagar o passado colonial para instaurar as formas da vida moderna”.⁴⁹ Buenos Aires e Montevideú, por exemplo, passaram, no final do século XIX e ao longo das primeiras duas

⁴⁷ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 04 maio de 1938, n° 50.

⁴⁸ REIS, José Carlos. Da história total à história em migalhas: o que se ganha e o que se perde? In: *História e teoria, historicismo, modernidade, temporalidade, verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

⁴⁹ ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, p. 283.

décadas do século XX, por transformações aceleradas em sua fisionomia, adotando um perfil urbano cosmopolita. A modernização acelerada das cidades foi também acompanhada de uma transformação no estilo de vida urbano, ou seja, na própria cultura urbana das suas sociedades. Georg Simmel, no final do século XIX, já apontava as consequências das transformações urbanas sobre os costumes e as sensibilidades de seus contemporâneos. Para Simmel, o crescimento vertiginoso das cidades incide sobre a “vida mental” dos indivíduos e implica na formação de novos hábitos e sociabilidades marcados pela impessoalidade, pela racionalização e pelo predomínio da economia do dinheiro sobre as relações sociais.⁵⁰

No bojo desse movimento de implantação da modernidade também estão implícitos os preceitos higienistas que combinam as técnicas da medicina com a engenharia sanitária no combate e na correção dos “problemas” da cidade.⁵¹ Os discursos higienistas e sanitaristas pautados nos imperativos da estética urbana, da higiene, da moralidade e do progresso forneceram suporte para a intervenção sistemática no espaço urbano herdado, justificando os “golpes de picareta” e desencadeando em uma série de derrubadas dos “traços coloniais”.

Como destaca Regina Helena Alves da Silva, as cidades foram “antropomorfizadas” como paciente doente pelo discurso técnico-competente do médico sanitarista, do arquiteto e do engenheiro, cabendo aos mesmos a apresentação do diagnóstico e a correção dos “sintomas” urbanos. Via de regra, o tratamento era o mesmo, dependia da retirada do “tumor” do passado colonial.⁵²

A adaptação compulsória do Rio de Janeiro aos preceitos da *Belle Époque*, por volta de 1904, levou ao “bota abaixo” um sem número de cortiços, casarões, “ruas sinuosas e estreitas”. “No Rio de Janeiro, foi necessário demolir setecentas casas para abrir a Avenida Central, depois chamada de Rio Branco, da Praça Mauá até o Obelisco. Todo centro urbano velho mudou.”⁵³ A reforma do Rio de Janeiro, encetada por Pereira Passos, assumiu o objetivo explícito de criar uma nova imagem da cidade, projetando-a nas “exposições universais” como vitrine e espelho de um Brasil civilizado.

⁵⁰ SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

⁵¹ ARMUS, Diego. O discurso da regeneração: espaço urbano, utopias e tuberculose em Buenos Aires, 1870-1930. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n° 16, 1995.

⁵² SILVA, Regina Helena. *A invenção da metrópole*. Tese (Doutorado), Programa de História Social da Universidade de São Paulo, 1997.

⁵³ ROMERO, op. cit., p. 311.

A racionalização do espaço urbano de São Paulo, nas primeiras duas décadas do século XX, também transformou abruptamente a fisionomia da cidade. “Os últimos vestígios da arquitetura paulista do período colonial e monárquico eram demolidos às pressas, para dar lugar a uma cidade de perfil nitidamente diverso.”⁵⁴

A própria construção da nova capital de Minas Gerais em 1894 esteve pautada pela tônica dos princípios higienistas e pelos ideais de progresso e de modernidade. A cidade de Belo Horizonte se estabelece como símbolo da modernidade e da República, construída à luz dos métodos tecnológicos e científicos de ordenamento de seu traçado urbano.

No estado de Minas Gerais, em fins do século XIX, propõem-se a criação de uma nova cidade, uma nova capital, ao invés de reformar a antiga. Belo Horizonte teve as linhas básicas de seu traçado definidas antes mesmo da escolha de seu local. Esta nova cidade viria como que para se contrapor à antiga capital, Ouro Preto, lugar condenado por ser a imagem do Brasil colonial e por não poder comportar, diziam na época, as exigências urbanísticas de uma cidade moderna. [...] Belo Horizonte é apresentada, pelo discurso dos políticos mineiros favoráveis à mudança da capital, como um novo símbolo para a República. Uma cidade que nasceria livre dos problemas de saneamento, livre das doenças, com regras para abertura de ruas e construções, enfim uma cidade que pudesse prever todas as necessidades de seus habitantes e, além disso, ser um polo irradiador de progresso para o estado de Minas Gerais.⁵⁵

Guardadas suas especificidades, São João del-Rei também foi impactada por esses ideais de afirmação da modernidade, fundamentalmente, os de racionalização, embelezamento e higienização do espaço urbano, princípios comuns às reformas dos grandes centros urbanos e às experiências de construção da paisagem de um Brasil moderno. Os chamados “planos de melhoramento”, empreendidos pelos poderes municipais, por exemplo, se espelhavam nas intervenções e na estética urbana das grandes capitais brasileiras como parâmetro de cidade progressista e civilizada. O editorial do *Diário do Comércio* cita alguns exemplos das etapas de higienização social e de modernização da infraestrutura urbana do país, além de comentar que se não fosse o método racional de organização do espaço:

O Recife não teria sido totalmente reformado e seria ainda a cidade de casarões de três andares soturnos, ruas estreitas [...]. Jamais circulariam pelas ruas os caminhões de açúcar e algodão, que substituíram as antigas carroças de bois. Nesse correr, a cidade de Salvador seria também famosa pelos “negros por

⁵⁴ SEVCENKO, op. cit., p. 118.

⁵⁵ SILVA, op. cit., p. 19-26.

todos os lados e lama por todos os cantos”. O Rio não se transformaria com Passos, Frontin e Sampaio. [...] A picareta, a escovadeira e o cimento armado preparam o Brasil do presente e o do futuro, com casas para morar e ruas onde circule o carro a motor, símbolo da vida real.⁵⁶

O enunciado acima toma as intervenções urbanas como um bem em si que contribui para a instauração de uma nova ordem no espaço social asentada nos valores de higiene e de progresso. Em outras palavras, veicula a utopia da cidade ideal, ordenada e saneada à luz dos métodos científicos e tecnológicos. As intervenções permitiriam, assim, a “racionalização” da cidade e resultariam na abertura de linhas geométricas em seu traçado urbano, oferecendo caminho para a circulação do objeto-rei, o automóvel, símbolo da aceleração espaço-temporal na modernidade.

O tema da reforma urbana e sanitária entrou na agenda pública da cidade e, via de regra, foi articulado como recurso semântico para legitimar as práticas de intervenção no seu tecido urbano. No contexto local, é possível perceber a junção desse postulado com certa leitura do positivismo de Augusto Comte. Tal imbricação resulta na ideia de que as “disfunções urbanas” devem ser corrigidas a partir da utilização de critérios científicos e racionais, porque denotam conforto, vida higiênica e progresso. Aliás, a crença depositada nos valores cientificistas como sinal de bem-estar e de felicidade constitui-se em um dos pilares de afirmação do republicanismo juntamente com os discursos de modernidade. Nessa perspectiva, ser moderno e civilizado implica participar do progresso da ciência e das inovações tecnológicas.

A higiene, a sanidade e o embelezamento dos centros de habitação atraem cada vez mais o homem civilizado, bem mais exigente do que o homem das cavernas ou mesmo da Idade Média. O homem de hoje não se contenta apenas com trabalhar, comer e dormir; mesmo o modesto operário almeja possuir um “bangalô”, um jardim, um rádio e até um automóvel; isso, para não falar em confortos que já se habituou: luz elétrica, banheiro, água filtrada, leite pasteurizado, cinema, etc.⁵⁷

Uma questão central é que esses princípios do urbanismo sanitário colocam em pauta de discussão a via da demolição como forma de adaptar o ambiente a uma ideia de espaço e de cidade civilizados: “Quando um prédio ou parte de um prédio, terreno ou lugar, não satisfazem às exigências [higiênicas e sanitárias] [...], quando os vícios e falhas forem insaciáveis, deve

⁵⁶ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 19 de abril de 1946, n° 2451.

⁵⁷ A TRIBUNA. São João del-Rei, 08 de março de 1936, n° 1315.

nesta hipótese ser demolido”.⁵⁸ Esse discurso, proferido pelo chefe do Centro de Saúde, Henrique Furtado Portugal, toma a cidade como laboratório das experiências sanitaristas. No caso, um especialista prescreve a demolição como medida de contenção do “organismo doente”, antes que todo corpo espacial seja “contaminado”. Demolir para melhorar as condições de habitabilidade, circulação, beleza e conforto. Demolir para fazer “maior e mais bonito”. Essas justificativas também foram incorporadas ao discurso técnico-competente, dado como neutro e objetivo, porque vinculado ao domínio da ciência.

Não somos, absolutamente, apologistas da demolição total das casas velhas. Somos pela sua conservação desde que as mesmas sejam submetidas à severa vistoria e perfeitamente adaptadas às necessidades do momento, quer nas condições higiênicas, quer no seu conforto. Não se justifica, entretanto, que velhos e arruinados edifícios fiquem atentando contra a estética da cidade. E se fosse só contra a estética! Esses casarões, com suas fachadas enegrecidas e de aspecto desolador, emprestam às nossas ruas um ambiente de decadência e ruína não condizentes com o que realmente se passa. Urge uma providência. Providências enérgicas por parte dos poderes públicos. Que os proprietários destruam ou vendam essas velhas carcaças, se não quiserem reformá-las. São João precisa de casas para a sua maior expansão comercial. Casas arejadas, higiênicas e confortáveis.⁵⁹

Nessa linha de pensamento, “carcaças enjambradas”, “pardieiros de fachada enegrecida”, “casarões infectos”, “foco de bolores e endemias”, “casebres perigosos”, “becos e ruas tortuosas” deviam ser varridos do mapa porque atentavam contra a moralidade, a higiene, a estética e os foros de cidade “civilizada e higiênica”. Mais do que isso, constituíam uma ameaça à estrutura “orgânica” do tecido urbano, porém as intervenções cirúrgicas na cidade permitiriam, então, a regeneração e a cura do seu “organismo doente”.

“Não seria fora de propósito que a Prefeitura determinasse o fechamento definitivo daquele beco infecto, tortuoso e sem serventia pública que liga a rua Direita à rua Marechal Deodoro. Com isso lucrariam a estética urbana, a higiene e a moralidade.”⁶⁰ Não raro encontramos a imprensa local partindo para o ataque aos becos, elemento marcante nas ruas irregulares das cidades coloniais. Estes deveriam passar por reformas públicas dando lugar às simétricas fileiras, aos largos e longos corredores.

⁵⁸ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 08 de agosto de 1944, n° 1927.

⁵⁹ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 07 de julho de 1939, n° 400.

⁶⁰ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 14 de setembro de 1943, n° 1662.

Para se contrapor a essa imagem de ruas tortas, sem racionalidade, a cidade é concebida sob a ótica simetrizadora das normas “racionais” e “positivas”, à luz da competência técnica da organização espacial. A palavra “ordem” torna-se, portanto, tema recorrente no léxico urbanístico são-joanense, sendo repetida e aplicada a cartilha de ordenar o ambiente, colocando cada “coisa em seu lugar”.

De fato, pode-se definir a modernidade como época, ou estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do dismantelamento da ordem ‘tradicional’, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente. [...] Cada ordem tem suas próprias desordens; cada modelo de pureza tem sua própria sujeira que precisa ser varrida.⁶¹

Nesse caso, valores de uma “nova ordem republicana” entram em constante conflito e procuram dismantelar princípios políticos e estéticos execrados da “velha ordem imperial”: “as remodelações internas de certos prédios defeituosos agora se processam. [...] São João del-Rei quer realmente livrar suas residências de anacronismos coloniais, ali remanescentes”.⁶² Aliás, a ideologia republicana se afirmou como desejo de mudança e ruptura com o passado colonial escravista. Valores ambivalentes como liberdade/escravidão, progresso/atraso, urbano/rural, República/Império estiveram em jogo no processo de seleção e atualização das configurações herdadas por São João del-Rei.

E suas casas caducas, recordando as silhuetas esguias do Império, que moravam no seu ventre, entortam-se todas, desalinhasdas [...]. Algumas já cansadas de viver, debruçam-se anêmicas nas muletas. [...] No sobrado do comendador, outrora o prédio mais querido da rua, moram morcegos vampirescos, dormem corujas agoureiras, trabalham aranhas peçonhentas, brincam escorpiões antropófagos e é o quartel general, no dizer de toda a gente da rua, da mula sem cabeça, do lobisomem, do saci, do negrinho pé de cabra e de todas as almas penadas da cidade que à noite vem banquetear-se com a carne tenra dos anjinhos.⁶³

Além dos imperativos de ordem da estética urbana, higiene e moralidade, a “retórica da demolição”, reiteradamente veiculada na imprensa, incorpora a questão do “risco” de desabamento iminente como um quarto elemento de justificação. Nessa ótica, as “casas velhas” devem ser destruídas porque a qualquer momento podem ruir, em virtude da própria

⁶¹ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 20.

⁶² DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 15 de agosto de 1944, n° 1933.

⁶³ A TRIBUNA. São João del-Rei, 01 de dezembro de 1935, n° 1301.

“ação corrosiva do tempo”, constituindo uma ameaça à integridade física dos moradores, vizinhos e transeuntes. Desse modo, o processo histórico é concebido como um salto qualitativo e evolutivo rumo ao progresso e possibilita uma destruição “racional e criativa” do “passado-morto”. Cabe, então, ao morador ou ao poder público deixar que se entre com as picaretas demolidoras, “para que não haja vítimas”.

As casas velhas da cidade continuam a não resistir à ação destruidoramente implacável do tempo. Idosas e cansadas vão se curvando peçadas de rugas e corpos alquebrados, até ruírem fragorosamente por terra. Debalde são as tentativas de salvamento. Injeções canforadas de estacas e maquilagens bonitas de reformas na fachada, com pinturas berrantes, não conseguem reanimar nem sustar em pé essas velhas carcaças minadas pela irremediável doença da velhice. Mas a esperança é a última coisa que se perde. E os esperançosos proprietários desses casaréis centenários vão aplicando panaceias inúteis de reformas deficientes e exteriores até que os mesmos desçam com armas e bagagens sobre a indefesa integridade física dos seus moradores. [...] As casas velhas de São João del-Rei precisam de uma vistoria. Vistoria quanto a sua solidez. Vistoria quanto ao seu conforto. E vistoria quanto a sua higiene. Fachadas reformadas, bem pintadas e bonitinhas não sustentam arcabouços podres e carcomidos pelo caruncho.⁶⁴

O desabamento, portanto, desempenha a mediação simbólica entre linhagem e experiência e tem como objetivo reforçar uma impressão de verdade. Quando universalizado, apresenta consequências no campo das práticas sociais citadinas e na rugosidade do espaço.

Considerações finais

O postulado da produção racional do espaço urbano não é neutro, mas imbuído de valores, os mais variados interesses, preferências e exercícios de poder. “O espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado, mesmo se a intenção se dissimula sob as aparências coerentes da figura espacial”.⁶⁵ A imposição de uma determinada ordem espacial ao ambiente é também permeada de imaginações sociais, mitos fundadores e visões de mundo, designando de fato construções ideológicas. “No espaço do poder, o poder não aparece como tal; ele se dissimula sob a ‘organização do espaço’. Ele elide, ele alude, ele evacua”.⁶⁶ As ideologias constituem-se como ferramentas através das quais os grupos se orientam e procuram atingir

⁶⁴ DIÁRIO DO COMÉRCIO. São João del-Rei, 31 de dezembro de 1938, nº 246.

⁶⁵ LEFEBVRE, op. cit., p. 44.

⁶⁶ LEFEBVRE, Henri (2000). *La producción de l' espace*. 4 éd. Paris: Antropos, 2000, p. 370.

suas finalidades políticas. Como assevera Antônio Carlos Robert de Moraes, as ideologias espaciais alimentam “tanto as concepções que regem as políticas territoriais [...], quanto a autoconsciência que os diferentes grupos sociais constroem a respeito de seu espaço e da sua relação com ele”.⁶⁷ Elas são substância das representações coletivas e estão vinculadas à legitimação e à promoção de interesses práticos. Conforme destacamos, as representações que os grupos elaboram do espaço social que os cercam se relacionam complexa e dialeticamente com suas práticas, condutas e atuações na própria estrutura desse espaço. As representações são, portanto, matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social.

São João del-Rei passou por transformações importantes na sua fisionomia urbana, sobretudo, entre os anos de 1930 e 1950, período de surto comercial, industrial e de expansão urbana. Nessa conjuntura, observamos um processo acelerado de intervenções cirúrgicas no tecido da cidade, norteadas pelos ideais de progresso, modernização, assepsia, embelezamento e racionalização do espaço urbano são-joanense. Os periódicos locais chegam a falar em uma espécie de programa de “remodelação urbana” em andamento, em um “projeto urbanístico” em conformidade com os preceitos modernos para São João del-Rei, o que se configura, nesse caso, em um projeto político mais amplo em que a cidade é discutida, imaginada e desejada na prancheta e nos croquis dos “empreendedores urbanos” locais.

Os chamados “planos de melhoramento urbano” foram ufanados pelos periódicos locais como possibilidade de ruptura com aquilo que destoa, com o velho, com o arcaico, abrindo espaço para o novo, para a “criatividade”.

S. João del-Rei vai se desintegrando do seu meio e fugindo aquela melancolia cismativa [...]. Desintegra-se de seu meio para viver a vida nova de ação e de inovações [...]. E assim, inevitavelmente nesse passo do pretérito para o presente, de ontem para hoje, tem assistido a martelada para uns cruel e herética, para outros prazerosa e oportuna, do instrumento renovador, que para cumprir sua obra, destrói tudo que não lhe condiz. É por isso que hoje já não mais encontramos em S. João del-Rei aquelas ruazinhas tortas, tão gostosamente ao feitio da época em que foram levantadas displicentemente pelo homem de antanho, com a construção de seus casebres toscos de taipa [...]. O seu encanto primitivo foi substituído por outro que lhes deu o compasso simetrizador dos tempos de agora. E também os casebres toscos de adobe e taipa como os velhos casarões de antes [...] da cidade antiga, já não mais são encontrados também, porque o conforto que o presente pode

⁶⁷ MORAES, Antônio Carlos Robert. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 44.

oferecer promoveu sem dúvida o seu desaparecimento, para que em seu lugar se levantassem novas moradas, modificadoras da paisagem local, porque não se limitaram ao centro, mas foram tocar todos os recantos da cidade. Por isso, a mudança toda se vai operando e a cidade antiga desaparecendo, substituída por uma nova, rejuvenescida, dona de uma outra beleza e de um outro encanto ao feito da nossa cidade.⁶⁸

Reiteramos a ideia de que, na modernidade, o espaço está sempre sendo (re)feito, está sempre aberto ao futuro, porque vinculado à esfera da criatividade e da possibilidade humana de transformar o ambiente onde se vive à luz da razão. No caso em voga, há uma organização do espaço em termos de sequências temporais e o passado é convocado para e pelo futuro, atesando, assim, o postulado de que a civilização evolui e o que foge a ela deve ser suprimido. Nesse prisma, as obras públicas e particulares procuravam, principalmente, criar uma nova imagem da cidade em conformidade com os modelos estéticos ditos modernos.

A cidade de São João del-Rei fora, naquele momento, impactada por uma constante renovação da sua paisagem, sobretudo no seu centro histórico, traçando um perfil urbano marcado pelo contraste entre a estética colonial e os estilos diversos como o eclético, o *art deco* e o neocolonial.

Pensamos que é justamente esse projeto de transformação urbana acelerado – profundamente vinculado aos ideais de modernidade, aos preceitos higienistas e sanitaristas e a imagética do “novo” que concebe a transformação, o embelezamento e o aperfeiçoamento do espaço como um movimento natural da evolução social e histórica – que colide com outro projeto político para São João del-Rei: o projeto de salvaguarda das “raízes” artísticas e culturais “genuinamente” nacionais encampado pelos intelectuais do Serviço de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sob a égide do Estado Novo. O tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de São João del-Rei, em 1938, não obteve respaldo nos setores da população local, no caso, nos grupos reunidos no espaço relacional da Associação Comercial de São João del-Rei, fato que culminou em vários desentendimentos políticos entre esses agentes locais e os intelectuais envolvidos na condução das políticas federais de patrimônio. Houve, portanto, não somente um impasse entre modos de conceber a cidade, mas também a emergência de um campo de conflito entre distintos projetos de uso e apropriação do seu território. Nesse caso, os dois lados

⁶⁸ DIÁRIO DO COMÉRCIO, 18 de agosto de 1938, n° 131.

disputaram a própria seleção, a interpretação e a defesa dos bens simbólicos do passado “legítimos” na paisagem de São João del-Rei.⁶⁹

Procuramos, ao longo do texto, desvelar as ideias que ajudaram a criar, difundir e padronizar hábitos que refletiram decisivamente na paisagem urbana de São João del-Rei. Entendemos que os periódicos tiveram um papel central nesse processo, sobretudo ao selecionar, organizar e difundir discursos que não se limitaram em “significar” ou “reproduzir” a cidade, mas contribuíram ativamente para criar, produzir e transformá-la. Destacamos os arranjos políticos que permearam as configurações espaciais da cidade, tendo em vista que o tecido urbano expressa, na rugosidade das suas formas, as marcas de indivíduos e grupos específicos que travaram suas batalhas em torno do controle e da gestão de legados, acervos, coleções, patrimônios etc., modificando, inclusive, os próprios limites e fronteiras desse espaço. Os recursos espaciais são, desse modo, ferramentas por meio das quais eles mantêm seu próprio *status*, afirmam valores e certificam sua identidade social. Apontamos os principais elementos que conformaram uma espécie de imaginário urbano e que conduziram um projeto político específico de apropriação e uso da cidade. Atentamos também para as especificidades históricas e urbanas da recepção dos ideais de progresso e de modernidade em São João del-Rei.

Artigo recebido para publicação em: 08/07/2013

Artigo aprovado para publicação em: 23/09/2013

⁶⁹ TAVARES, Denis Pereira. *O tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de São João del-Rei: negociação e conflito entre projeto de apropriação e uso do patrimônio cultural (1938-1967)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.